



Director literario:

António de Oliveira
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edward Collalto
PAPUSSE



A caminho de Coimbra

Por GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

(Para se ler, a principio, velozmente, e terminar devagar)

POUCA terra... pouca terra...
passa campo, passam serra;
casais,
pinhais,
olivedos,
vinhas, matas, tudo o mais,
eiras,
beiras
e beirais,
trigais,
juncais,
arvoredos!

Pouca terra...
pouca terra...

vem de repente uma ponte,
zt—zt
zt—zt
doida,
doida,
sem parar...

—Zig-zag
zig-zag...
tão depressa
que a cabeça
fica a zig-zaguear...

Pouca terra,
pouca terra...
a mulherzinha
da linha,
junto à cancela
cerrada,
veste uma blusa amarela
e saia azul de flanela
com sua berra encarnada.

Pouca terra,
pouca terra;
O fumo
segue sem rumo
em novelos pelo ar!



Um novelo!...
Outro novelo!...
Novelo de fumo!
E' vê-lo!
Como se dobra
e desdobra
sem ninguém o desdobrar!...

Pouca terra,
pouca terra,
pouca terra,
sem demora
zt—zt
zt—zt

eis surge o rápido agora,
a quebrar-se em Movimento,
Vertigem! Sópro! Momento!
Parágem de Pensamento!
zt—zt
zt—zt...

Pouca terra,
pouca terra;
passa vento,
friorento,
rija nortada
que zimbra...
Pouca terra,

—U-u-u-u-u!
—U-u-u-u-u!
—U-u-u-u-u!...

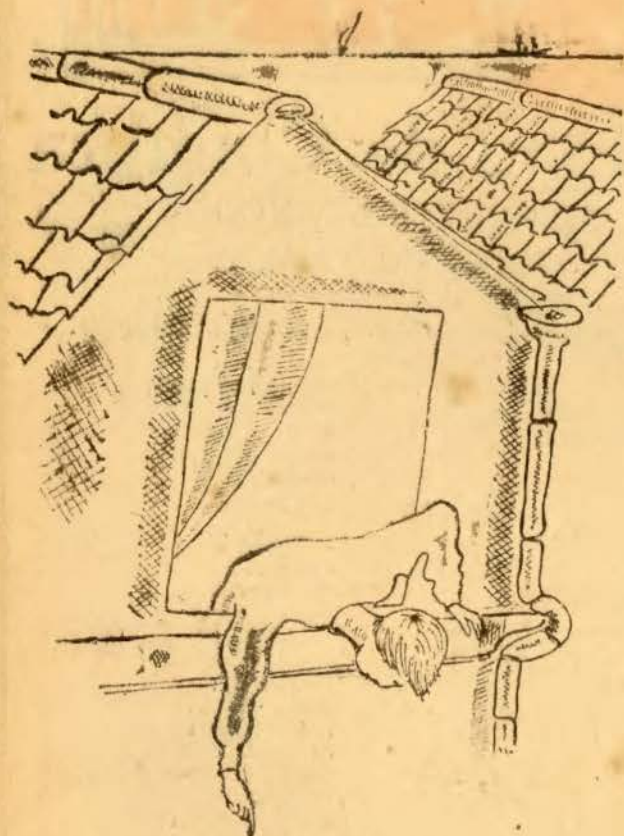
Pouca terra...
Pouca terra...
Pouca terra...
Pou-ca te-rra...
Po-u-c-a terra...
P-o-u-c-a t-e-r-r-a...
zt.

Chegada.
—«Coimbrã!»

■ F I M ■

Nem tudo se cola com cola...

■ Por OLAVO DE EÇA LEAL ■
ILUSTRAÇÕES DO AUTOR



NA casa caiada
de cal colorida
na esquina daquela comprida
calçada,
num quarto pequeno, enfeitado
com quatro bonecos aos cantos,
como se fosse qualquer manequim
de cartão recortado,
Carlitos Manécas, o querido
colega do Quim,
concerta um brinquedo quebrado,

Noutra casa que fica
naquela corrente
de casas caiadas
o Quim debruçado,
o comprido pescoço estica:

— O Manecas, que estás a colar?
«Eu còlo um boneco
que o Zéca Marréco
quebrou a brincar!...»

— E que tal ficará?

«Bem bom...»

— Então anda cá,
quero que coles a querida mamã,
que está escangalhada
e estendida
—coitada!—
aqui no «divan»!

FIM



O homem das calças pretas

VERSOS DE TÔ-PETO
DESENHOS DE CRISTÓVAO



— Avózinha, vá, começe! ...
— Qual começe? E dêsse então
Nunca mais me lembrarei.

— Então a história dum Rei...
Mas nem de Rei nem Rainha!
...E já vos disse e repito:
Em questão de historietas
Sei só um conto,
— E é bonito?
— E o conto muito tonto
Do homem das calças pretas.

— Avózinha, aí que massada!
Massada? Massada? Nada,
Também não sei como é.
Eu cá, de contos, já disse...

— Que tolíce!
— Tolíce ou não, é o conto
Muito tonto
Do Zé Maria das Tretas,
O homem das calças pretas.
— Mas Avózinha, que gosto
Pode ter em nos zangar?!

— Gosto... desgosto... zangar...
Eu também não sei contar.
O que sei, não é comprido,
Nem é muito divertido:
É o conto muito tonto
Do Zé Maria das Tretas,
Que também é conhecido
P'lo homem das calças pretas.

E ambos já muito zangados,
O Bibi e a Bébé,
Que tinham estado sentados
Mesmo ao pé
Da cadeirinha da Avó,
Gritaram... Choraram até
Que caíem estiracados
No chão a fazer ó-ó.

Meninos, não vão massar
Que podem ficar massados...
— Quantos querem tosquiar
E afinal são tosquiados! —

CONTE um conto, minha Avó.

— Eu só sei contar o conto
Muito tonto
Do Zé Maria das Tretas,
O homem das calças pretas;
Se quereis, posso contar...

— Esse mesmo, Avó, eu quero.
— Meninos, mas não é quero.
Isso é conto que eu não sei:

Nunca ninguém mo ensinou,
E já agora não vou
Perder tempo em o aprender;
Se algum de vocês quizer,
O que vos posso contar
É o conto, muito tonto
Do Zé Maria das Tretas,
O homem das calças pretas,



ZARIM BRIOLÉ

VERSOS DE TÓ-PETO
DESENHOS DE CRISTOVÃO



Zarim Briolé,
Matava na rocha,
Levava p'ra casa
Zorim Briolé.

Comeu dez princesas,
Dez filhas de Rei,
Matava andorinhas,
Roubava sem lei.

E se alguém tentava
Tirar-lhe vingança,
Ele ria, troçava,
Metia-o na pança.

Como era tamanho,
Ninguém o vencia.
Um sóco que desse
Com quem se metesse
Fazia tal lanho,
Tal lanho fazia,
Que um pobre, coitado,
Ficava rachado,
Em dois se partia.

— Zarim Briolé, Zarim Briolão,
Maroto, patife, malandro, ladrão! —

Mas, ai dêle! Um dia
Juntaram-se as gentes,
Partiram armas até,
Até quasi aos dentes:

Levavam enxadas
E bons varapaus,
E, muito afiadas,
Navalhas polidas,
Tesoiras compridas,
E facas e paus.

E o mau do gigante
Morreu num instante.

Depois da matança
Foi tudo bailar;
Paravam da dança
Só para gritar:

— Zarim Briolé, Zarim Briolão,
Maroto, patife, malandro, ladrão! —

Por terem mais força
Não façam maldades,
Meninos, meninas
Das mesmas idades;

Que é certo o enguiço,
E uso vezeiro,
Voltar-se o feitiço
Contra o feiticheiro.

NUM tempo distante
Vivia um gigante
— Zarim Briolé —

Vivia distante
Num monte distante,
Zarim Briolé.

Comia meninos,
Beijava ladrões,
Guardavam-lhe as portas
Enormes leões.

— Zarim Briolé, Zarim Briolão,
Maroto, patife, malandro, ladrão! —

No meio da rocha
Lá tinha uma casa





■ O MENINO E O MAR ■

Um dia,
Um menino pequenino,
Foi, pela mão do paisinho,
Passear.
E, quando ia
Já no meio do caminho,
O menino, ao ver o Mar,
Começou logo a apontar:

—O' Papá,
Olha acolá
Tan...an...an...ta á...á...gua
Tan...an...an...ta á...á...gua!
E que barulho será
Aquele que agora oiço?
Lá vai ela ao ar! lá vai!...
Lá cai agora! lá cai!
Zumba... z...um...um...ba!
Zz...z...um...zum...ba!
Catapumba... sóbe e desce...
Aquele água parece
Que anda a brincar num baloço!
O' Papá, ora repara!
Nunca pára! nunca pára!
O' Papá,
Porque será?

■
Por CAMPOS DE FIGUEIREDO
Desenho de EDUARDO MALTA
■

—Aquilo, filho, é o Mar!
No principio, quando Deus
Fêz a Terra, e pôs nos ceus
O Sol redondo, a brilhar,
A alumiar todo o Mundo,
Fez também o Mar profundo,
E fez-lhe esta prevenção:
«Deixa-te estar sossegado,
Não saias daí, senão,
Hás de ser bem castigado...»
Ora! o Mar bem se importou!...
Mal Nosso Senhor voltou
As costas, vai, como um louco,
E começa a fazer guerra
A' pòbrezinha da Terra...
E era tanta, tanta a fome,
Que por pouco, por bem pouco,
A não devora, a não come,
A não mete nas entranhas,
Com todos os arvoredos,

As planícies, as montanhas
E os penedos!

Ora Deus, que lá do Ceu
Onde subiu
Espreitou por um postigo,
Apenas viu
Que o Mar desobedeceu,
Logo lhe deu o castigo
E disse-lhe:—«Mar salgado,
Dêste momento em diante,
Tu ficarás condenado
A não parar um instante,
A viver sempre agitado!»

Ora aí tens porque o Mar
Nunca pode descansar!

Ouviste, Jorginho, ouviste?
Então! levanta a cabeça!
Parece
Que ficaste um pouco triste!...
Nisto o menino voltou:
—E' verdade... eu nunca mais
Desobedeço a meus pais,
Para que não me aconteça
O que ao Mar aconteceu!

Quadras populares ilustradas

Vêm hoje mais duas quadras populares feitas e ilustradas por Olavo de Eça Leal, que também se destinam a ser glosadas pelos leitores.

As respostas devem ser dirigidas a Olavo de Eça Leal —

Redação do *Século* suplemento infantil, até ao dia 15 de Dezembro.

NOTA: Não devem esquecer indicar a idade, nome e morada.

O garoto dos jornaes



No dia do «Pim! Pam! Pum!»
vendo quinhentos jornaes!
Como não fica nenhum,
vou passar a vender mais!

Ó graxa!...



Eu trabalho o dia inteiro,
e o meu pai que é borrachão!
Quando não chega o dinheiro
Recebe-me ao bofetão...

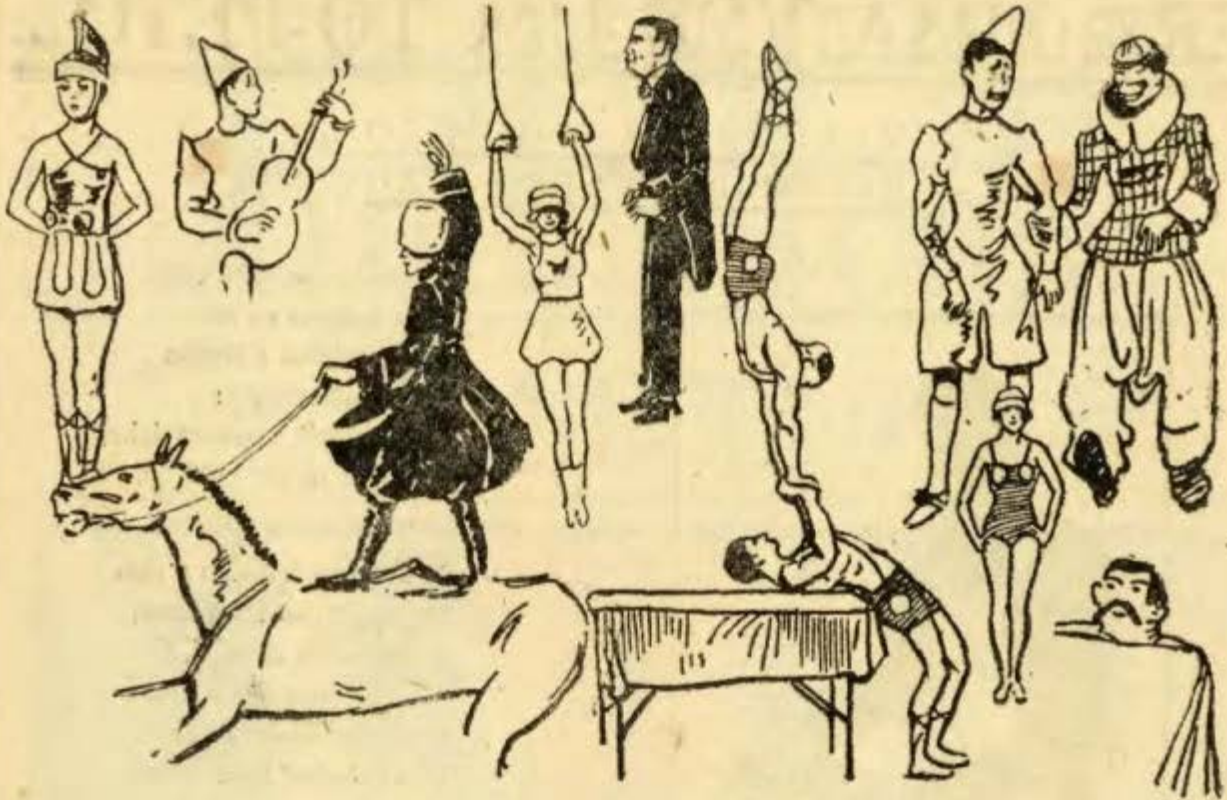
Aviso:

Devido a ser êste número apenas consagrado a poesias infantís, prevenimos os nossos pequeninos leitores de que a continuação do conto

ZAIDA (A PRINCESA MOURA)

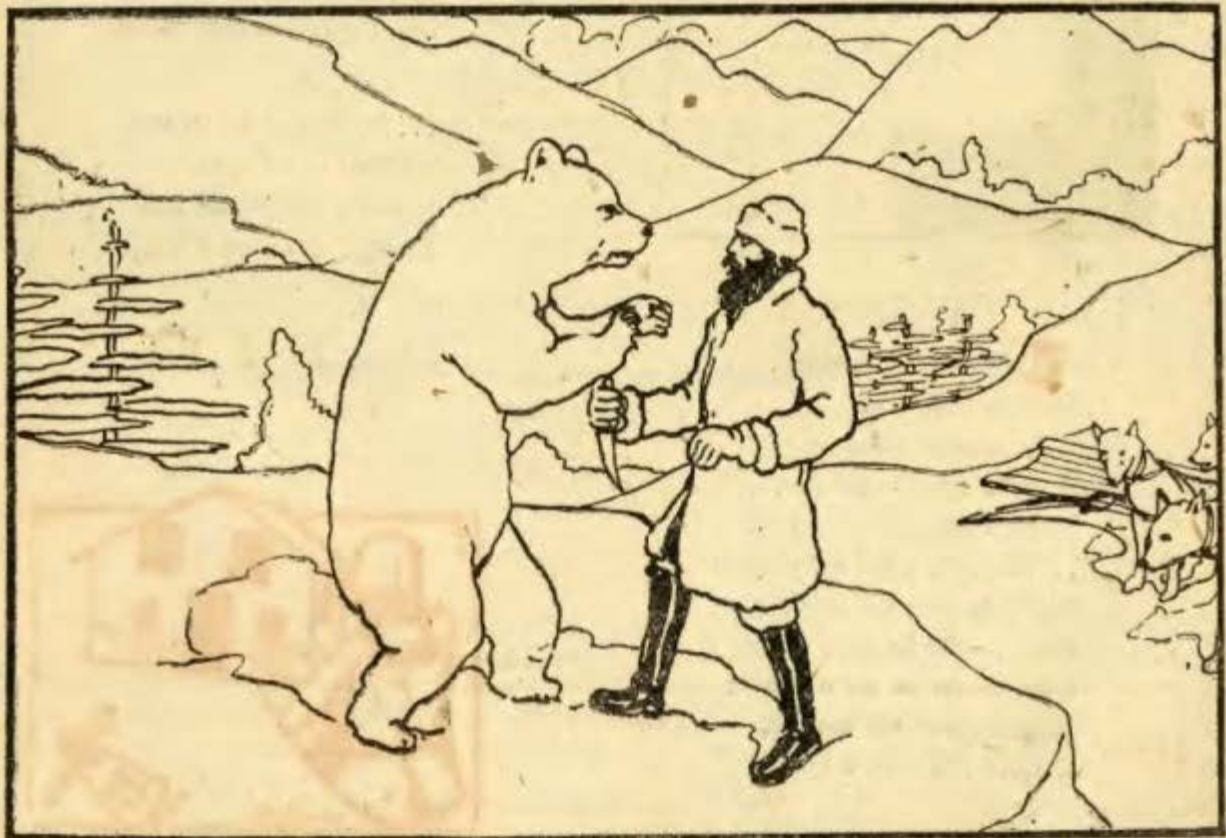
que tanto interesse despertou, só será publicada no próximo número do «Pim-Pam-Pum!»

COLISEU



Os artistas que se encontram actualmente trabalhando no Coliseu dos Recreios

PARA OS MENINOS COLORIREM



ERA UMA VEZ UM TÓ-PÊTO...

VERSOS DE TÓ-PÊTO
DESENHOS DE CRISTOVÃO



Já não faz casinhas belas
P'rás bonecas da Mi-té,
Com portinhas e janelas
De reposteiros, até:
...Já só tem saudades delas,
Saudades de ser bebé.

Já não vem lavar-lhe a cara
De manhã, ao lusco-fusco,
A pequenina Magusto,
— Uma preta que o creara... —
Só tem saudades do custo
Que tinha em lavar a cara.

Já não faz as traquinices
Que fazia em pequenino...
Tem saudades das tolices
De quando era inda menino.

...Tó-Pêto já foi menino,
Tó-Pêto já foi bebé,
E agora, que já tem tino,
Tó-Pêto não sabe o que é!...

TÓ-PETO já foi menino,
Tó-Pêto já foi bebé,
Já foi menino traquino,
E agora, que já tem tino,
Tó-Pêto não sabe o que é!
...Mas inda quer' ser menino,
Mas inda quer ser bebé,
Quer' perder de novo o tino,
Quer' deixar de ser o que é:
Porque assim era menino,
E agora não sabe o que é!

F I M

